

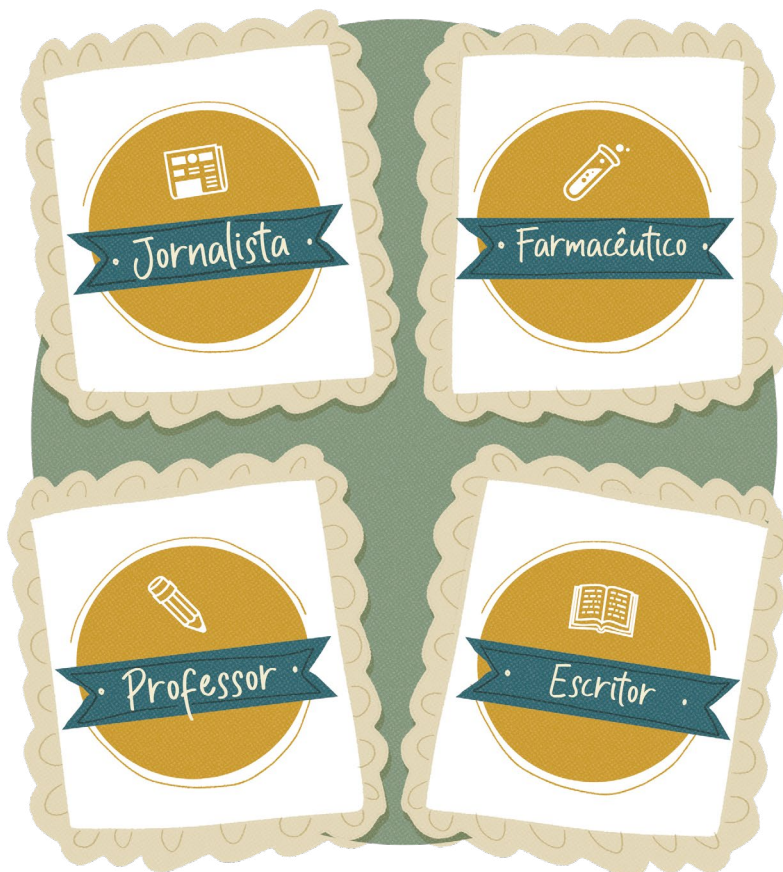
“José do Patrocínio também escrevia. Através de poemas e textos, fez parte de grupos e organizações jornalísticas que debatiam publicamente as questões do Império. Mais tarde, ele conseguiu escrever para a imprensa, publicou livros, se fez uma voz pública importante, até que conseguiu ter seu próprio jornal: a Gazeta da Tarde e depois o Cidade do Rio.”

- Então, quando ele cresceu, foi farmacêutico, professor, escritor e jornalista?

- Isso, filho, ele não se limitou a apenas uma profissão. – disse o seu pai.

- A rua ganhou o seu nome porque ele tinha várias profissões?

- Não, meu filho, foi mais que isso. Vamos continuar a pesquisa. – respondeu a sua mãe.





“Na luta contra a escravidão, José do Patrocínio usava seus jornais como frente de batalha, fazendo críticas aos escravocratas, lutando pela abolição e propondo indenizações para os ex-escravizados. Além de ser protagonista em diversas conferências da Confederação Abolicionista, arrecadar fundos, debater na Câmara do Rio, participar ativamente na assistência a cativos em fuga, José do Patrocínio acompanhou passo a passo os debates e a assinatura da Lei Áurea.

No 13 de maio de 1888, ele estava lá e celebrou junto a grande parte da população da Corte o que esperou a vida inteira para ver concretizado: o fim do cativeiro no Brasil.”

- Mas, mãe, não foi José do Patrocínio que assinou a abolição.

- Isso mesmo, não foi.

- Mas ele lutou muito pelo fim da escravidão, não foi, mamãe? Por isso foi um Tigre.

- Exatamente, o mais importante não é quem assinou, mas a luta travada por tantos da população brasileira, especialmente pelas pessoas negras.

- Mas como elas lutavam se não eram livres, mamãe?